COMENTÁRIOS

AVICULTURA

Desaceleração como resposta à crise

A produção brasileira de carnes vermelhas* e de aves, no ano de 1982, superou ligeiramente as 5 milhões de toneladas, sendo 48% constituídos por carne bovina, 19% por carne suína e 32% pela carne de aves. Em 1981, estes percentuais foram semelhantes, à exceção da carne suína, que alcançou 21%. Esta menor participação desta carne em 1982 abriu espaço para uma maior penetração da carne avícola no universo das proteínas animais, ao possibilitar o aumento, em um ponto percentual, de sua participação na produção de carnes em geral** em relação aos 31% registrados em 1981.

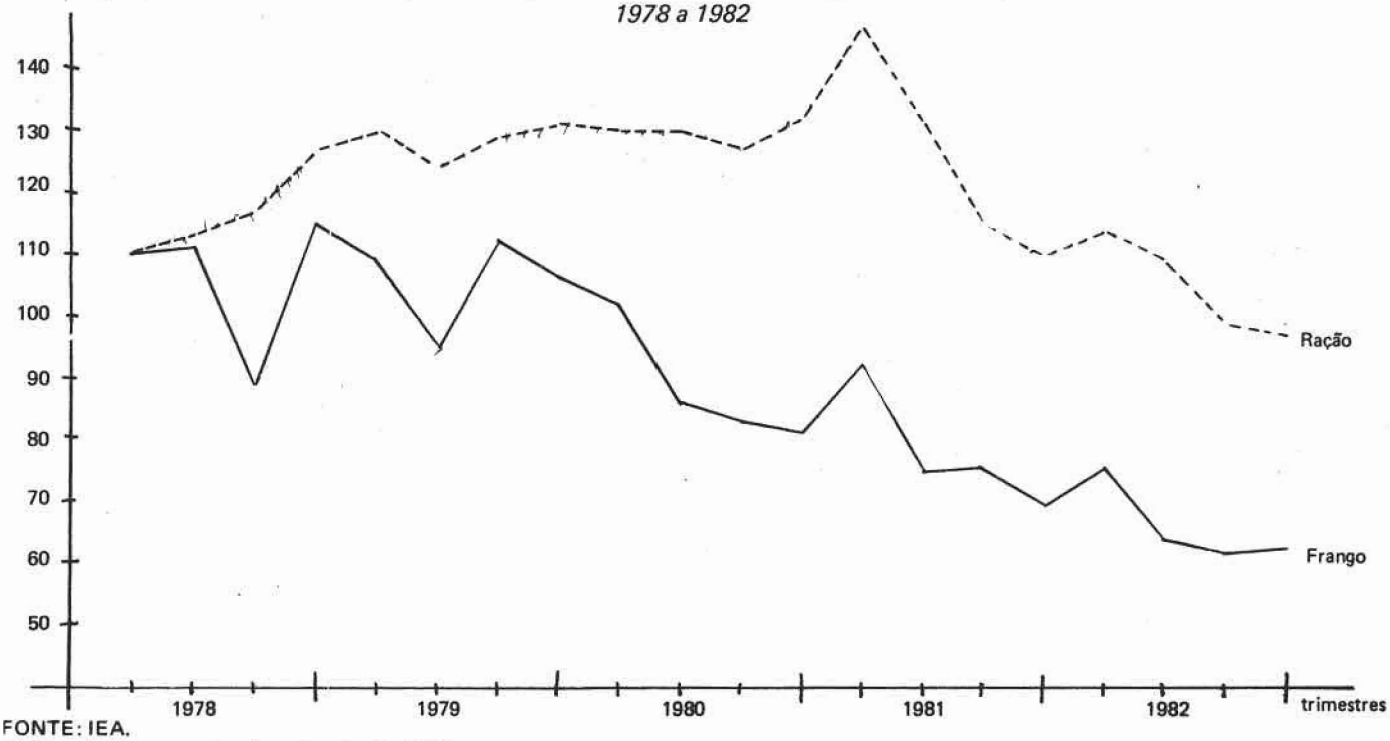
Em suma, o crescimento alcançado pelo setor avícola no período 1981/82, embora tendo sido de apenas 7,6%, inferior, portanto, às taxas registradas nos últimos anos, mais uma vez foi o maior entre os setores produtores de carne, mantendo em 67% a relação entre a produção de carne de aves e a de carne bovina.

* Carnes bovina, suína, caprina, de vitela, de carneiro e de ovelha.

** À exceção do pescado.

GRÁFICO 1

SÃO PAULO: Índices de Preços Reais (Médias Trimestrais) do Frango Vivo e da Ração Para Ave de Corte — 1978 a 1982*



FONTE: IEA.

* IGP, col. 2, para o primeiro trimestre de 1978.

A desaceleração do crescimento anual foi a resposta da avicultura à recessão no mercado interno no ano que passou, pois os dados da Apinco (Associação de Produtores de Pintos de Corte) mostram que o setor dispunha de potencial para expandir a produção destes animais em 36,5% no período 1981/82. Sendo assim, no ano passado produziram-se (de acordo também com dados da Apinco) quase 500 mil t de carne de frangos a menos do que a produção prevista com base nas vendas de matrizes de corte. Ou, em termos percentuais, menos 25% do que o antes estimado, desaceleração que já fora de 24% em 1981. A disponibilidade *per capita* do produto passou para 10,4 quilogramas anuais, ou seja, 0,6 quilos a mais do que o registrado no ano anterior. Ao mesmo tempo, permaneceu inalterada em 16,7 kg *per capita*/ano a disponibilidade de carne bovina, enquanto caía em 3,1% a oferta *per capita* de carne suína.

Não resta dúvida, a partir deste quadro, de que o consumidor foi o grande beneficiado com este aumento da oferta da carne avícola no mercado interno, a despeito de o ano ter-se caracterizado por uma queda do poder aquisitivo da população. Assim sendo, conquanto o salário mínimo médio mensal tenha podido adquirir 80 kg de frango durante o ano passado (16,6% a mais do que em 1981), a fraca comercialização da carne de aves, aliada à sua oferta crescente, não deixou outra saída aos criadores do que manter sob pressão o preço do seu produto, afetan-

QUADRO 1

SÃO PAULO – Preços Mensais do Frango Vivo, Abatido e ao Consumidor
1981 e 1982 – Cr$/kg

Mês	1981					1982				
	Vivo (V)	Abatido (A)	Consumidor (C)	A/V	C/A	Vivo (V)	Abatido (A)	Consumidor (C)	A/V	C/A
Jan	61,15	103,50	113,64	1,69	1,10	87,50	153,50	171,18	1,75	1,12
Fev	59,05	100,00	109,89	1,69	1,10	98,00	171,50	186,22	1,75	1,09
Mar	58,25	98,00	108,78	1,68	1,11	99,50	174,00	189,19	1,75	1,09
Abr	57,70	97,20	107,41	1,69	1,11	90,75	166,00	181,59	1,83	1,09
Mai	56,75	97,25	107,75	1,71	1,11	89,50	166,00	175,61	1,86	1,06
Jun	59,50	103,00	114,33	1,73	1,11	95,50	174,20	176,47	1,82	1,03
Jul	65,75	113,25	122,63	1,72	1,08	107,50	192,00	192,38	1,79	1,00
Ago	73,25	126,00	136,42	1,72	1,08	116,75	206,75	200,55	1,77	0,97
Set	74,50	128,00	132,93	1,72	1,04	119,00	212,00	227,25	1,78	1,07
Out	75,50	129,00	128,76	1,71	1,00	116,00	206,25	223,94	1,78	1,09
Nov	73,50	125,00	134,02	1,70	1,07	135,30	245,20	241,01	1,81	0,98
Dez	79,70	138,40	149,22	1,74	1,08	158,50	294,25	285,96	1,86	0,97

FONTE: AVESP – Assoc. Abatedouros Avícolas de São Paulo.

do, inclusive, a margem de comercialização do varejista, conforme demonstram os dados contidos no Quadro 1. Observe-se que a pressão exercida pelo frango congelado proveniente de outros estados, sobre os abatedouros paulistas, levou a que, em diversos meses, o preço ao consumidor fosse inferior ao preço oficial do mercado atacadista (situação que, normalmente, força os abatedouros a aplicarem um deságio de cerca de 20% no preço do frango resfriado).

Registre-se, no entanto, que, embora a economia do país tenha apresentado um ritmo recessivo durante o ano passado, a lucratividade do setor avícola (medida no nível do preço relativo frango/ração) manteve-se praticamente inalterada, em comparação com o indicador médio do ano de 1981. Isto porque, conforme atestam os dados do Gráfico 1, as variações reais do preço da ração, tanto em 1982 quanto em 1981, tenderam a seguir trajetória semelhante à dos preços da ave viva, ao contrário do que se observara em 1980, por exemplo, quando o descompasso entre os preços da ave e os daquele insumo asfixiou a lucratividade dos criadores. Não resta a menor dúvida de que a safra recorde de milho 1981/82 teve papel fundamental para o traçado recente deste quadro, visto ser o setor de rações responsável por cerca de 45% do consumo brasileiro deste grão. Assim, a retração deste setor industrial em 1982 (que, estima-se, tenha sido de mais de 10%), aliada à oferta recorde do cereal da safra 1981/82, refletiu-se na queda dos preços reais da ração durante 1982, situação agravada pela decisão de parte dos criadores de aumentarem a utilização do *premix* (procedendo, eles próprios, à confecção das rações) para a engorda dos animais.

Ao concluir o ano de 1982 com uma produção de carne de frangos da ordem de 1,507 milhão de t, o setor avícola parece ter feito uma pausa para avaliar seu desempenho registrado nos

QUADRO 2

BRASIL — Produção de Carne de Aves, Exportação de Frangos Congelados e Oferta Interna — 1975 a 1983 — em t

Ano	Produção	Exportação	Oferta Interna
1975	519.000	3.469	515.531
1976	604.000	19.636	584.364
1977	698.000	32.829	665.171
1978	858.000	50.805	807.195
1979	1.096.000	81.096	1.014.904
1980	1.370.000	168.173	1.201.287
1981	1.490.000	293.933	1.196.067
1982	1.603.000	295.500	1.307.500
1983*	1.664.000	300.000	1.364.000

FONTE: APINCO e ABEF.
* Previsão.

anos recentes, repensando sua linha de atuação no complexo carne dentro de uma mentalidade menos imediatista e mais amadurecida. Ficou evidente que a pulverização das unidades produtoras, ao agir, muitas vezes, contrariamente à obtenção de uma boa performance econômico-financeira, acabou por levar ao alijamento definitivo de várias pequenas empresas avícolas do processo produtivo. Nada mais natural em época de escalada vertiginosa dos custos financeiros na economia, simultaneamente a um solapamento gradual do poder de compra dos consumidores, em termos gerais.

Desta forma, o setor avícola conscientizou-se de que não mais pode ser regido por ventos expansionistas, que não levem em consideração a evolução tanto da oferta das outras carnes, quanto do consumo e do mercado externo. Não foi por outra razão que a produção de pintos de corte, no primeiro bimestre deste ano, apresentou uma que-

QUADRO 3

CEE — Subsídios à Exportação de Carne de Aves — Posições em 01/08/82 e 01/11/82
(ECU/100 kg)*

Produto	Em 01/08/82 (A)	Em 01/11/82 (B)	B/A
Aves Inteiras			
Galinhas e frangos	19,00	20,50	1,08
Patos	19,00	20,50	1,08
Perus	14,00	15,00	1,07
Cortes (c/osso)			
Metades ou 1/4			
de galinhas e frangos	21,00	22,00	1,05
de patos	nd	nd	nd
de perus	16,00	16,00	1,00
Asas Inteiras	15,00	15,00	1,00
Peitos e cortes de peitos			
de perus	22,00	24,00	1,09
de outras aves	28,00	28,00	1,00
Coxas e cortes de coxas de perus			
pernas e cortes de pernas	11,00	12,00	1,09
outras	19,00	21,00	1,11
de outras aves	26,00	26,00	1,00

FONTE: USDA.
*1 ECU = US$ 0,922 em 25/11/82.

da acumulada da ordem de mais de 12% em relação ao total produzido em dezembro de 1982.

O aumento de apenas 4,4% na produção de pintos em 1982 foi especialmente providencial, pois, no ano passado, deu-se o acirramento da disputa entre os exportadores de frango congelado pela manutenção de seus mercados. Segundo a Associação Brasileira de Exportadores de Frangos, as exportações do país não ultrapassaram 295,5 mil t (apenas 0,5% acima da quantidade vendida em 1981) ficando, portanto, quase 30% abaixo da meta inicial de 420 mil t. No entanto, este resultado não pode ser considerado mau, levando-se em conta a situação internacional no ano que passou, com os países importadores do Oriente Médio dispondo de menos petrodólares, e a França fazendo maior pressão sobre os mercados compradores (em 1982, os franceses venderam 22% a mais do produto do que em 1981).

A despeito de seu baixo crescimento anual, em 1982, as exportações brasileiras continuaram a absorver uma parcela próxima de 20% da oferta total de carne de aves, conforme consta do Quadro 2.

Para o ano de 1983, divergem as perspectivas quanto ao crescimento da produção brasileira de carne de aves, pois, enquanto certos órgãos apostam na repetição dos 7,7% registrados no ano passado, o USDA crê que este crescimento venha a ser de apenas 3,8%. Caso prevaleça a segunda hipótese, o país estará em vias de obter uma produção de carnes de 5,04 milhões de t, divididas em 48% de carne bovina, 33% de avícola e 19% de suína. Supondo-se que as vendas ao exterior de carne bovina se situem em 500 mil t, e que as exportações de frangos congelados alcancem 300 mil t, a disponibilidade para consumo interno das três carnes ficará em torno de 4,2 milhões de t.

Esta diminuição de 2,5% em relação à oferta interna destes alimentos, em 1982, poderá ser amenizada, caso o setor avícola não consiga alcançar sua meta de vendas externas. Afinal de contas, os EUA parecem firmemente determinados a brigar pela sua parcela do mercado externo de carne de aves, via concessão de subsídios.

A este respeito, em 1982, as exportações norte-americanas de carne de aves foram 30% inferiores às de 1981. Além do mais, trata-se de um país que conta com uma imensa dis-

QUADRO 4

BRASIL: Exportação de Frangos Congelados: Efeitos da Alteração da Resolução 674, em 21/02/83

1. Divisas obtidas com exportações de frangos em 1982: US$ 280,657 milhões FOB
2. Incentivo originalmente fornecido pela Resolução 674: 40%, ou seja, US$ 112,262 milhões, o equivalente a Cr$ 32,939 bilhões (US$ 1 = Cr$ 293,41)
3. Maxidesvalorização em 18/02/83: US$ 1 = Cr$ 381,44
4. US$ 280,657 milhões x Cr$ 381,44 = Cr$ 107,053 bilhões
5. Resolução 674, originalmente 40%: Cr$ 42,821 bilhões
6. Alteração da resolução 674, para 22%: Cr$ 23,551 bilhões

6-5. Cr$ 19,270 bilhões a menos

FONTE: Associação Brasileira de Exportações de Frangos.

ponibilidade de milho para o arraçoamento animal, o que leva a crer que a ave de origem norte-americana venha a ser oferecida a preços muito competitivos no mercado internacional. Ressalte-se, todavia, que, atualmente, a sobreposição dos produtos brasileiro e norte-americano em países compradores de carne avícola está restrita a dois ou três países do Oriente Médio, uma vez que grande parte das vendas de carne de frango dos EUA é direcionada a países asiáticos.

Paralelamente, a França poderá continuar a exercer considerável pressão naqueles mercados dependendo, apenas, das decisões tomadas pelo governo daquele país de diminuir os subsídios às vendas externas de frangos*. De fato, caso a França venha a manter o projeto de vender ao exterior, este ano, 32% de sua produção de 1,39 milhão de t de carne de aves, os gastos com subsídios (ver Quadro 3) assumirão cifras consideráveis.

Além do mais, a diminuição da faixa de atendimento da Resolução 674 de 40% para 22%, imposta aos exportadores brasileiros de frangos congelados em março deste ano, anulou grande parte dos benefícios advindos da maxidesvalorização do cruzeiro frente ao dólar, conforme demonstram os dados do Quadro 4.

* Estes subsídios são vitais para a avicultura européia, na medida em que os custos de produção das aves na CEE são ampliados pelos "preços de suporte" dos cereais (atualmente 60% superiores aos preços internacionais).

Desta forma, o resultado do balanço avícola ao final deste ano estará a depender da capacidade do avicultor e do exportador de aves brasileiros de ampliarem seu mercado consumidor, tanto interna quanto externamente. Tarefa nada fácil, em se tratando de época de recessão econômica, particularmente agravada pelo renascimento da questão concernente à taxação do ICM sobre o frango no mercado doméstico e pelo espectro da possibilidade de virem a ocorrer exportações de milho este ano, conforme parece indicar a recente redução de 75% na alíquota do Imposto de Exportação deste cereal.

CACAU

Um mercado dominado pela incerteza

O mercado externo do cacau tem-se caracterizado, nos últimos seis a oito meses, por apresentar cotações mais voláteis do que o normal. Sem dúvida, a tendência mestra dos preços tem sido de elevação, muito embora tenham sido poucas as semanas em que as cotações conseguiram manter, ininterruptamente, um movimento de alta. Muito mais comuns foram as vezes em que a subida de preços foi interrompida, após três ou quatro dias, por uma forte pressão vendedora, que arrastava os preços até níveis novamente atrativos à opção de compra. De um modo geral, as médias mensais das cotações futuras da Bolsa de Nova Iorque atingiram, em fevereiro último, os valores mais altos desde março de 1982. Naquele mês, a cotação para entrega em maio, na Bolsa, oscilou entre o mínimo de US$ 1.736,00/t e o máximo de US$ . . . . . 1.928,00/t, ou seja, menos 124 dólares e mais 68 dólares do que a média do mês.

Dois fatores explicam, fundamentalmente, o maior grau de oscilação dos preços. Primeiramente, a partir de meados do segundo semestre de 1982, o mercado foi dominado por grande incerteza acerca do resultado final da safra 1982/83. Em segundo lugar, aumentou muito a participação de especuladores nos negócios futuros de cacau. Em dado momento, no mês de fevereiro, a soma dos contratos em aberto de Londres e de Nova Iorque atingiu mais de 50 mil contratos, o que equivale a pouco mais de 500 mil t de amêndoas de cacau.

Na verdade, os dois fatores apontados não são independentes. O aumento da participação de recursos especulativos foi provocado, entre outras razões, justamente pela maior incerteza quanto ao rumo futuro das cotações. Ainda assim, o afluxo de especuladores merece registro, porque interfere senão no próprio processo de formação de preços, ao menos na duração dos surtos de alta ou de baixa.

O especulador típico não é um indivíduo envolvido, diretamente, com os negócios de cacau, ou seja, não é